



Artigos  
científicos



## Recortes de lugar<sup>1</sup>

Cássio Eduardo Viana Hissa

Professor do Programa de Pós-graduação em Geografia da  
Universidade Federal de Minas Gerais; Doutor em Geografia pela  
Universidade Estadual Paulista, *campus* de Rio Claro

Rosana Rios Corgosinho

Professora da Universidade do Estado de Minas Gerais,  
*campus* de Divinópolis; Mestre em Geografia pela Universidade  
Federal de Minas Gerais

### Resumo

Os lugares são o seu movimento. Vivos, movem-se, metamorfoseiam-se. Na contemporaneidade, a despeito das velozes transformações, apesar das interpretações que encaminham leituras que compreendem a compressão e a padronização dos lugares por uma globalização unificadora, os lugares são a manifestação de suas identidades que, sobretudo, lhes concedem a existência. A vida é feita dos lugares, *plenos do ser*, tal como o mundo é realizado nos lugares. Eles são a vivência cotidiana nesses pequenos universos que, cada qual com a sua particularidade, carregam um pedaço de mundo.

### Abstract

*Places are defined by their movement. They are alive, they move, and transform themselves. Today, despite the rapid changes and the standardization of places by a unifying globalization, places are the manifestation of their identities, which above all grant them their existence. Life is made of places, just as the world happens in places. The everyday life in these small universes, each one with its own characteristics, carries a piece of the world.*

<sup>1</sup> O presente ensaio é resultado da reescrita, pelos autores, de trecho de pesquisa originária da dissertação de mestrado intitulada *O lugar no mundo contemporâneo*, defendida, em 2004, por Rosana Rios Corgosinho, sob a orientação de Cássio Eduardo Viana Hissa, no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais.

**Palavras-chave** lugar, mundo; contemporaneidade; mobilidades, identidades e cotidianos.

**Keywords** *place and world; contemporaneity; mobility; identity and everyday life.*

[cassioevhissa@terra.com.br](mailto:cassioevhissa@terra.com.br)

[rosanarios@uol.com.br](mailto:rosanarios@uol.com.br)

Uma discussão teórica que se refere aos significados dos lugares encaminha, sempre, uma reflexão provisória sobre a sua natureza. Além disso, o desenvolvimento de considerações teóricas sobre o caráter dos lugares também pode, antecipadamente, provocar expectativas acerca das suas proximidades com outras categorias socioambientais, socioespaciais<sup>2</sup>. Assim, estariam envolvidos também, menos ou mais intensamente, os conceitos de paisagem, território, fronteira, rede, região, mundo.<sup>3</sup> Isso significa que as possíveis e sempre necessárias reflexões teóricas acerca da natureza dos lugares envolvem também, direta e/ou indiretamente, reflexões que dizem respeito aos demais conceitos dos quais se servem diversas disciplinas para a construção dos saberes que lhes dizem respeito.<sup>4</sup>

Os debates sobre o conceito de lugar são sempre necessários por conta da evolução de processos que, direta e intensamente, envolvem os próprios lugares, as relações de que são feitos, além das conexões que estabelecem com o seu mundo exterior — tão presente, cada vez mais, em diversas circunstâncias, na sua interioridade: o mundo está um pouco no interior de todos os lugares. Assim, se o mundo se transformou, os lugares também o fizeram através de processos quase simultâneos que evocam a imagem — mesmo que incompleta, ainda que desigual — da reciprocidade. O mesmo deve ser dito sobre as transformações ocorridas com os territórios — e com todos os poderes que deles emanam ou para eles se dirigem —, com as fronteiras, com as regiões, com as paisagens. As transformações constantes, muitas vezes ocorridas através de ritmos intensos, demandam um permanente acompanhamento da ciência, da filosofia e de todos os saberes.

Em muitas circunstâncias, as pesquisas teóricas são confundidas com estudos vazios de experiência empírica e analítica. Não se pode afirmar que elas sejam assim: os investimentos teóricos resultam também da experiência empírica e das construções abstratas que envolvem o que, freqüentemente, se compreende como *realidade*.<sup>5</sup> Além disso, o que se denomina *realidade*, por sua vez, experimenta transformações que, em última instância, são produzidas pelas próprias interpretações reflexivas de natureza teórica: *a realidade é, também, feita de olhos teóricos*. Entretanto, as avaliações provenientes dos paradigmas mais conservadores da ciência, na extremidade do pragmatismo, procuram endereçar aos trabalhos reflexivos, filosóficos, um conteúdo estéril e distante da realidade. O engano é feito da própria condição da qual são constituídas a ciência mais disciplinar — feita do mais frágil e estéril fragmento de saber — e a mais conservadora das abordagens.

Algumas disciplinas científicas chamam para si a responsabilidade de compreender o que denominam *real*. Em muitas situações, várias dessas disciplinas científicas se autointitulam *ciências do real*, supostamente feitas da *realidade* — porque dela se serviriam para se tornarem o que estudam. Mas o que é a realidade? Há quem possa afirmar que a realidade é o que se torna concreto através do dinamismo da vida; é a própria materialização das coisas que existem, visíveis, palpáveis, passíveis de tocar com os sentidos. Destes, os olhos e o olhar retínico são os mais solicitados para, quem sabe, presos às armadilhas da sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997), definir provisoriamente o significado do que é real e do que é realidade. Nesses termos, convencionais, poder-se-ia pensar sobre o significado de realidade, tal como concebida pela ciência moderna:<sup>6</sup> a realidade seria, em princípio, feita do que é concreto, daquilo que é tomado como real-

<sup>2</sup> Os adjetivos que aqui se juntam demonstram e refletem, de um lado, o seu pequeno poder para qualificar os conceitos e, de outro, as dificuldades postas para uma definição precisa acerca de categorias que, de fato, são transdisciplinares. Desde já, portanto, anuncia-se o caráter desses conceitos que, progressivamente, assumem, na contemporaneidade, o significado de metacategorias (HISSA, 2001).

<sup>3</sup> Não se pode afirmar a existência da *categoria mundo*. Entretanto, no contexto das reflexões teóricas sobre o lugar, a idéia de mundo emerge como um conceito importante, sem o qual a própria noção de lugar é destituída de significado contemporâneo. A idéia de mundo, tão abstrata na dimensão das vivências e dos cotidianos, adquire significado quando os olhos se voltam para os lugares: *recortes de mundo* estão em todos os lugares; *representações de mundo* estão presentes em todos os lugares.

<sup>4</sup> Em algumas circunstâncias é possível perceber a proximidade de determinados conceitos ou categorias em relação aos demais. Assim, em algumas reflexões, discutir o conceito de lugar é pensar o mundo. O mesmo pode ser dito das relações de aproximação entre os conceitos de território e de fronteira. A utilização dos conceitos como categorias analíticas faz com que cada um assuma a definição teórica que lhe diz respeito. Além disso, como já se observou, para que possam cumprir os seus papéis, não podem ser compreendidos a partir de definições estanques. São *conceitos moventes*, flexíveis, prontos para acompanhar os movimentos do que se acostumou a receber a denominação *realidade*.

<sup>5</sup> Determinadas pesquisas teóricas constituem-se de reflexões analíticas que, apenas aparentemente, dispensam as abordagens empíricas que se referem aos problemas de que se ocupam.

<sup>6</sup> Interpretações acerca dos significados e do percurso histórico da ciência moderna são fornecidas por Boaventura de Sousa Santos (1987, 1989, 1994). Interpretações complementares, especialmente referentes aos processos de estruturação da ciência moderna na Europa, estão presentes na obra de Paolo Rossi (2001).

mente existente, tido como verdadeiro. Busca-se, assim, a compreensão da realidade tal como se procura *descobrir a verdade*. A realidade e o real seriam feitos, portanto, das coisas e dos objetos *como realmente são*, e à ciência caberia o papel de descortinar o que encobre a verdade.<sup>7</sup> Recorre-se a José Saramago (2001), que surpreende com a sabedoria de poucas palavras repletas de vastos conteúdos: “Se eu acreditar que Deus fez os meus olhos para que eu visse a realidade tal como ela [é], então, estupendo. Mas como nós sabemos que não é assim, não vale a pena estarmos a perder tempo com isso”.

Já não são poucos os estudos teóricos sobre a condição dos lugares, sobre a sua natureza, especialmente em função da vasta literatura voltada para a compreensão dos processos associados à globalização. Assim, sobretudo a partir dos últimos instantes do século XX, uma profusão de estudos — entre os quais também vários empíricos — assinalava os esforços e as possibilidades analíticas de todos os saberes ocupados com a problemática espacial. O lugar, por razões compreensíveis, emerge como um conceito de destaque central na discussão sobre a globalização. Pouco restou do que se imaginou como resultado desse manto abstrato que, em princípio, foi tomado como o que veio, sob o nome de globalização, para neutralizar o espaço, homogeneizar as diferenças e as desigualdades, suprimir os lugares, os valores e as identidades. Esse manto feito de fluxos, especialmente de caráter econômico, assume o significado de uma *superfície eletrônica mercantil* que, em princípio, foi tomada como capaz de suprimir as superfícies do passado, os lugares, a vida cotidiana, as diferenças e, quem sabe, as desigualdades. Tudo sucumbiria à globalização: a partir de então, não haveria como pensar noutra cultura originária de outras *concepções de mundo*, de outros fluxos. O passado não mais existiria para as culturas alternativas: restaria um futuro comum, de contornos nitidamente mercantis, como se fosse esse um destino inevitável para todos. Mas a história e o pensamento crítico fizeram com que a discussão sobre a questão espacial readquirisse a relevância: não há como *receber o mundo*, em sua abstração digital, sem que os olhos estejam voltados para os lugares, para as mobilidades de que são feitos, para as relações identitárias que os caracterizam, para a sua vida cotidiana.

Um estudo reflexivo, teórico, sobre os lugares, contudo, pode não se restringir à discussão acerca de sua natureza movente, que corresponde, em parte, aos movimentos do mundo. Do mesmo modo, um estudo teórico sobre os lugares pode, assim, ultrapassar a própria interpretação acerca de suas relações com o seu universo aparentemente exterior. Um estudo reflexivo sobre os lugares pode também, pensando sobre o seu caráter, fazer referência às relações que se desenvolvem nos seus interiores, entre elementos definidores de suas características e através de situações que fazem deles o que são. Assim, portanto, neste breve ensaio são abordadas as relações entre os lugares e as mobilidades, entre os lugares e as identidades, entre as identidades e a vida cotidiana.

## Mobilidades e lugares

A discussão sobre o fenômeno da mobilidade assume a centralidade, sob a referência dos fortes ritmos da vida contemporânea. Para que se refira à dinâmica espacial, compreende-se que os lugares sejam feitos também, como observava Milton Santos

<sup>7</sup> Como conceber as coisas e os objetos como *realmente* são? Tal concepção nos faz pensar na existência de coisas e de objetos ensinados, presentes no mundo independentemente dos significados advindos da interpretação, da leitura que se faz deles.

<sup>8</sup> Milton Santos (1988) procura caracterizar os fluxos como originários dos fixos. Os lugares seriam feitos dessas relações envolvendo fixos e fluxos. Os fixos seriam constituídos por um conjunto de objetos que encontram a sua localização no espaço, como agências de correio, bancos, escolas etc. Milton Santos (1988, p. 77) procura esclarecer o significado que concede aos fluxos: “Os fluxos são o movimento, a circulação e assim eles nos dão, também, a explicação dos fenômenos da distribuição e do consumo”. Entretanto, alguns questionamentos são importantes para o que interessa à reflexão presente. A mais importante diz respeito aos diversos fluxos originários da própria natureza humana, dos interiores do homem, dos que concedem significados aos próprios fixos e, conseqüentemente, aos fluxos. Os lugares são feitos da experiência, dos movimentos originários dos interiores do homem, da sua natureza, dos seus sentimentos, dos laços de identidade que estabelece com o mundo feito nos lugares. Ainda poder-se-ia argumentar: pois os fixos, também eles, não seriam feitos dos *olhos do homem*? Nessa sua condição, deixariam de ser menos fixos, posto que, simultaneamente, estariam nos interiores do homem feito de cultura, de imagens teóricas plenas de significados, de conhecimento e de vivências.

<sup>9</sup> A frase parece ser portadora de redundâncias: homem e espaço são apresentados como se não fizessem parte de um todo. Os homens e a sociedade são o espaço que produzem. Os lugares são, também, a manifestação desse processo. Entretanto, nas abordagens clássicas, originárias de diversos campos do saber, ainda são fortes os apelos teóricos que procuram interpretar o homem e o espaço a partir de abordagens que não os integram, que não os percebem como um todo indivisível. O espaço, mais do que um produto do trabalho dos homens, pode ainda ser assim interpretado: o espaço é feito dos olhos do homem, que o trabalha e recobrem-no de significados.

<sup>10</sup> O que se denomina interpretação — que também pode assumir os significados de leitura, de avaliação, de tradução, ou de análise (como preferem os paradigmas mais clássicos da ciência moderna) — resulta do encontro entre sujeito (que é sujeito do conhecimento) e objeto (no qual o próprio sujeito está inserido). Sobre tais relações, alguns estudos, originários da vanguarda da neurociência, são bastante esclarecedores. António Damásio (2004, p. 99), a partir de estudos sistemáticos sobre as relações entre cérebro e mente, organiza idéias que ratificam interrogações seculares acerca da objetividade da leitura dos objetos e das coisas

(1978, 1988, 2002), de fixos e de fluxos. Não há espaço — e tampouco lugares — na ausência de objetos aparentemente fixos, de fluxos e, portanto, dos movimentos. Os lugares são feitos de objetos fixos e, especialmente, de relações e de mobilidades. Muitos desses movimentos, entretanto, não se referem aos fluxos convencionais — da forma como descritos por Milton Santos.<sup>8</sup> Vários desses movimentos que fazem os lugares são feitos das relações entre os indivíduos e os seus próprios lugares. Entretanto, ainda há o que dizer sobre os movimentos. Todos eles são originários do homem, dos seus olhos que emprestam significado às coisas, aos objetos e aos próprios fixos que, assim, já assumiriam um caráter originário dos interiores dos indivíduos.

As revoluções tecnológicas, como sempre, provocam mudanças qualitativas no comportamento do homem e no seu espaço.<sup>9</sup> Entretanto, tem-se superestimado a tecnologia como recurso explicativo da realidade moderna, mas, sobretudo, da contemporânea. No que se refere ao tempo e ao espaço percebe-se, na literatura que trata da questão, um congestionamento teórico que resulta em devaneios, em fantasia destituída de conexões próximas com as imagens derivadas do encontro entre sujeito e objeto.<sup>10</sup> Doreen Massey (2000) observa que determinadas expressões criadas para enfatizar essa nova fase — como *aniquilação do espaço pelo tempo*, *compressão do tempo-espaço*, *aldeia global*, *aceleração*, *superação de barreiras espaciais* etc. — criam mais incertezas do que explicam a *realidade do mundo*. Em relação ao lugar, a autora afirma que “um dos resultados dessa situação é a crescente incerteza sobre o que queremos dizer com ‘lugares’ e como nos relacionamos com eles” (MASSEY, 2000, p. 177). A generalização da idéia de simultaneidade e de instantaneidade no mundo digital globalizado pode apontar para uma esquizofrenia tanto teórica (originária dos saberes científicos) como do senso comum (produzida e disseminada, especialmente, pelos meios de comunicação). Boaventura de Sousa Santos (2000, p. 194) observa:

Quando hoje se fala de mobilidade, como forma de sensibilidade emergente [...], ou da compressão do tempo-espaço para expressar as alterações drásticas na ordenação dos espaços e dos tempos [...], os espaços são concebidos como estando à beira do colapso e na aurora da infinitude: só há mobilidade entre espaços e, por isso, só se acelera a primeira multiplicando os segundos; a necessidade da compressão do tempo-espaço é tanto maior quanto mais vasto é o espaço.

A força com que é introduzido o sentido de mobilidade leva a se imaginar o mundo capturado pela experiência eletrônica: espaços superpostos e tempo infinito. A certeza dessa viagem virtual aparentemente rouba o sentido dos lugares, juntamente com a possibilidade de compreender a *realidade do mundo*. Assim como a expressão *compressão do tempo-espaço*, a expressão *superabundância de tempo e espaço* (AUGÉ, 1994) traduz o resultado de um mundo homogêneo a partir da diversidade, roubada pela informação da qual não se sabe a origem. Assimila-se com naturalidade que a informação vence a comunicação. Conclui-se freqüentemente, a partir daí, que os indivíduos se tornam aparentemente mais solitários, pois estão em constante movimento, não se encontram.<sup>11</sup>

Doreen Massey (2000) parece convidar os *teóricos da globalização* e os defensores da imagem da compressão do espaço a refletir sobre o vigor da seletividade no mundo da permanente exclusão. A seletividade do mundo e a particularização das experiências não

se dão fora dos lugares. Pelo contrário, é nos lugares que a vida, em todos os seus significados, emerge como um *recorte de mundo*. Não é a ampliação do desenvolvimento tecnológico e tampouco a propagação do capitalismo que farão a supressão dos lugares e da vida que os homens experimentam. A seletividade do mundo — compreendida como ambiências de fluxos globais, como movimento — reforça a condição dos lugares e da sua própria natureza.

A interpretação dos lugares a partir dos diversos fluxos que estes experimentam, através desse conjunto movente feito também de uma natureza abstrata, virtual, ainda conduz o pensamento para um espaço de caráter geométrico. A imagem do espaço geométrico adquire visibilidade eletrônica, quando pontos, linhas e feixes de fluxos fornecem um conceito de mundo grafado pelas conexões entre os lugares.

Ainda se observa, contudo, o que pode ser identificado como a *geometria do poder* da mobilidade: “[...] diferentes grupos sociais e diferentes indivíduos posicionam-se de formas muito distintas em relação a esses fluxos e interconexões” (MASSEY, 2000, p. 179). Nessa geometria estão presentes desigualdades e diferenças, tanto entre os que produzem como entre os que sustentam o movimento. Ainda é preciso distinguir, aqui, espaço de *espaço geométrico*: não são a mesma coisa. A geometria do espaço está no espaço, mas não é o espaço. A geometria dos lugares e a posição cartesiana dos lugares na geometria planetária não são, de modo algum, os indicadores mais preciosos para o desenvolvimento teórico do significado dos lugares. Os lugares são a vida dos homens no mundo, por mais subjetividade que a imagem possa evocar: é sobre isso que se deve refletir, quando se deseja pensar o lugar no mundo contemporâneo, *recortes de lugar*, sob as referências das mobilidades, dos fluxos e dos objetos.

Doreen Massey (2000) sublinha que a mobilidade é desigualmente distribuída, como decorrência também do poder que dela emana: com isso, pode reforçar o poder de alguns, em detrimento do de outros. As suas reflexões estão fundamentadas na observação de diferentes situações do movimento, dentre elas, os investimentos na aceleração do movimento de alguns fluxos particularizados e particulares (aviões e automóveis, por exemplo) e o relativo abandono do transporte público. O privilégio da mobilidade também influencia outros processos econômicos, sociais e espaciais: “Toda vez que se vai de carro a um *shopping center*, contribui-se para o aumento dos preços da loja da esquina e até se acelera sua falência” (MASSEY, 2000, p. 181).<sup>12</sup> Mas não estão apenas nesses movimentos os conteúdos que fornecem multiplicidades de significados aos lugares.

Observa-se, ainda com Doreen Massey (2000, p. 179), que os novos rumos tomados pelo capitalismo — cuja lógica pode ser interpretada como predominante — não são os únicos e tampouco os determinantes na experiência de vida do homem: “[...] há muito mais coisas determinando nossa vivência do espaço do que o ‘capital’”. Muito dos movimentos do capital interfere nos movimentos dos homens. Contudo, isso não lhes retira a condição de estar em um lugar, de experimentá-lo, de vivenciá-lo a partir de outras referências. A globalização do capital é hegemônica. Entretanto, há outros movimentos, de âmbito global, com origens e com repercussões na escala local, reunidos sob a denominação de *globalização contra-hegemônica*. Todos esses movimentos são focalizados por

visíveis, ditas empíricas: “O cérebro pode atuar diretamente sobre a estrutura do objeto que está em vias de perceber. Por exemplo, pode modificar o estado do objeto, ou seja, alterar o estado do corpo, ou modificar a transmissão dos sinais que lhe chegam ao corpo. O objeto imediato do sentimento e o mapa desse objeto podem influenciar-se mutuamente numa espécie de processo reverberativo que não é possível encontrar na percepção de um objeto exterior ao corpo”.

<sup>11</sup> Questiona-se, aqui, o significado adquirido pela *solidão contemporânea*. Ela parece ter recebido qualificações que conduzem à reflexão sobre a *difícilidade do encontro no âmbito do próprio encontro*. A dificuldade de comunicação não é contemporânea. Ela pode ter sido posta à mostra, dadas as circunstâncias históricas contemporâneas. Entretanto, pensar a solidão como originária dos tempos contemporâneos, como originária da ausência ou da dificuldade de encontro, inerente à lógica dos ritmos velozes da contemporaneidade, não parece ser o caminho teórico mais apropriado ou mais consistente. Tais questões mereceriam estudos mais aprofundados.

<sup>12</sup> Doreen Massey (2000, p. 181) ainda evidencia que os privilégios da mobilidade promovem a degradação ambiental e restringem as possibilidades de uso de recursos: “[...] a *compressão de tempo-espaço* envolvida na produção e na reprodução das vidas cotidianas dos abastados das sociedades do primeiro mundo — não apenas suas próprias viagens, mas os recursos que trazem consigo, de todas as partes do mundo, para abastecer suas vidas — pode acarretar consequências ambientais ou promover restrições que limitarão a vida dos outros antes de afetar suas próprias existências”.

Boaventura de Sousa Santos (2002) e são alternativos à globalização hegemônica.<sup>13</sup> Todos eles vivificam os lugares.

Mesmo movimentando-se, a maioria dos homens encontra-se em um lugar.<sup>14</sup> Ali, no lugar, a existência dos homens adquire o sentido da vida. Não é o trânsito, não são os ritmos e os fluxos que retiram a condição de existência dos lugares, recortados pelas estruturas moventes, vivos. A mobilidade dos homens, a propósito, dá-se a partir de lugares cuja diversidade emerge do próprio trânsito. Pode-se pensar o mesmo dos fluxos que se entrecruzam, que se atravessam, constituindo trilhas e desenhando, em uma complexa grafia, mapas que, de modo algum, podem ser compreendidos como cartografias desprovidas de lugares e de significados. O espaço é, também, feito de fluxos originários de objetos fixos: a sua representação geométrica não negligencia os pontos e os sinais emitidos pelos lugares de origem e de destino. O espaço é grafado e desenhado pelos fluxos, pelos sinais e pelas linhas virtuais, exigindo, da ciência, uma nova representação, uma nova interpretação, uma nova inteligência, uma *nova razão*.

Portanto, não há quem não seja convidado a pensar no movimento, nas mobilidades de todas as naturezas, quando se está a refletir sobre o mundo moderno e sobre as rápidas transformações contemporâneas. A idéia de velocidade faz com que o pensamento seja conduzido para o que acontece nas cidades, nas metrópoles, conectadas eletronicamente com o mundo. Mais adiante, o pensamento sobre o movimento conduz as idéias na direção dos pequenos lugares. Em todos eles, a idéia de movimento está mais presente do que esteve no passado — ainda que se tenha a sensação de que sempre se esteve caminhando na mesma direção, mesmo diante dos impactos ocasionados, no presente, pelos processos poderosos da globalização conservadora mais radical:

Recorreu-se a uma palavra, que adquiriu importância no final do século, para caracterizar os movimentos da contemporaneidade: globalização. Trata-se de uma projeção do passado que assumiu novos formatos, proporcionais ao desenvolvimento da técnica [...]. Os espaços de grandes consumos tornaram-se disponíveis para diversas nações e vários territórios: cresceu o desejo de consumo e ampliou-se a produção. [...] Mesmo no discurso da integração global, contraditoriamente, o *eu* agiganta-se diante do *nós*. E, também por isso, posto que os grandes modelos de desenvolvimento permanecem inalterados em sua concepção, a integração pode implicar a ampliação da periferização, da marginalidade, do empobrecimento (HISSA, 2002, p. 313).

Os movimentos contemporâneos que se associam aos processos reunidos pela *palavra-conceito* globalização não apenas recusam a padronização como, ainda, ressaltam as diferenças e as desigualdades. Por que seria diferente? Os lugares são feitos dos olhos de quem percebe o mundo (sempre presente nos lugares, menos ou mais intensa ou densamente), também feito de lugares que emergem e rasgam a superfície econômica global de tendência homogeneizante. No interior dos lugares, ainda, os movimentos repercutem no âmbito da sociedade. A violência, a periferização, a marginalidade e o empobrecimento são postos aos olhos da interpretação: eles estão mais presentes e mais visíveis nos lugares feitos do mundo. Com os movimentos e com as mobilidades de todos os tipos, os lugares parecem existir de uma outra forma mas, surpreendentemente, emer-

<sup>13</sup> Observa Boaventura de Sousa Santos (2002, p. 75): “[...] no campo das práticas sociais e culturais transnacionais, a transformação contra-hegemônica consiste na construção do multiculturalismo emancipatório, ou seja, na construção democrática das regras de reconhecimento recíproco entre identidades e entre culturas distintas. Este reconhecimento pode resultar em múltiplas formas de partilha — tais como identidades duais, identidades híbridas, interidentidade e transidentidade —, mas todas devem orientar-se pela seguinte pauta transidentitária e transcultural: temos o direito de ser iguais quando a diferença nos inferioriza e a ser diferentes quando a igualdade nos descaracteriza”. As referidas transformações contra-hegemônicas no âmbito das localidades necessitam, contudo, de fortalecimento, a fim de permitir, de modo ainda mais expressivo, o seu alcance global.

<sup>14</sup> Milton Santos (2002, p. 328) também contribui para a compreensão dos novos cenários: “[...] num mundo do movimento, a realidade e a noção de residência [...] do homem não se esvaem. O homem mora talvez menos, ou mora muito menos tempo, mas ele mora: mesmo que ele seja desempregado ou migrante. A ‘residência’, o lugar de trabalho, por mais breve que sejam, são quadros da vida que têm peso na produção do homem”.

gem com maior vigor. A mobilidade intensa não extrai o significado dos lugares e a sua condição que, surpreendentemente, é negligenciada: o mundo existe nos lugares.

## Lugar e identidade

Embora no cotidiano das cidades o movimento (interno e externo) — de pessoas, idéias e mercadorias — tenha alcançado relativa aceleração nas últimas décadas, as noções de cultura e de identidade podem ser encontradas para além das relações econômicas: “Não são apenas as relações econômicas que devem ser apreendidas numa análise da situação de vizinhança, mas a totalidade das relações. É assim que a proximidade [...] ‘pode criar a solidariedade, laços culturais e desse modo a identidade’” (SANTOS, M., 2002, p. 318). Essa identidade manifesta-se através da afetividade que surge da relação entre pessoas convivendo em um mesmo espaço. Tal noção, segundo Milton Santos, seria inapreensível sem a consideração da relação espacial ou da contigüidade física entre as pessoas. Entretanto, não há como negligenciar a importância dos próprios lugares como elementos simbólicos e mediadores na construção das identidades. Portanto, a identidade entre indivíduos, entre grupos, é também a identidade que eles estabelecem com os lugares.<sup>15</sup>

James Clifford (2000) entende o cenário da cultura tanto como um local de encontro de viagens quanto como um local de moradia. Segundo o autor, para o desenvolvimento de avaliações consistentes, não é conveniente que sejam negligenciadas as forças culturais, econômicas e políticas que atravessam os lugares. Para além dessa interpretação, tais forças não apenas atravessam como, especial e particularmente, *fabricam* os lugares e sua identidade. O autor, na construção de sua noção de cultura, procura incorporar a relação entre local e global: “Nessa ênfase, evitamos ao menos o localismo excessivo do relativismo cultural particularista, bem como a visão excessivamente global de uma monocultura capitalista ou tecnocrática” (CLIFFORD, 2000, p. 68).

James Clifford (2000) e Akhil Gupta e James Ferguson (2000) contribuem também para o entendimento do que caracteriza o lugar contemporâneo. Para James Clifford (2000, p. 68), pode-se definir o lugar através da imagem feita de “[...] histórias cercadas, com um ‘dentro’ comunitário crucial, e um ‘fora’ viajante controlado”. O importante para a compreensão do lugar e da cultura, assim como para a construção da identidade dos lugares e dos indivíduos, não é a sua origem, o *de onde você é*, mas sim as suas experiências, o *onde você está* (CLIFFORD, 2000, p. 69). Akhil Gupta e James Ferguson (2000, p. 34) observam que “[...] a identidade de um lugar surge da interseção entre seu envolvimento específico em um sistema de espaços hierarquicamente organizados e sua construção cultural como comunidade ou localidade”<sup>16</sup>. Todas essas leituras são merecedoras de consideração para uma leitura mais aprofundada acerca da identidade dos lugares.

Milton Santos (2002, p. 328) anota que a identidade se forma, constantemente, a partir das ações presentes: “[...] o passado é um outro lugar ou, ainda melhor, num outro lugar”. A idéia é feita de uma forte imagem: o passado é um outro lugar e vive, quem sabe, distante dos lugares do presente. Não importa, nesse sentido, para que direção foram os *lugares do passado*<sup>17</sup>. O que interessa para a interpretação que se encaminha é que os lugares do presente tendem a abraçar os do passado. A memória, nesses termos,

<sup>15</sup> Entretanto, na concepção antropológica de James Clifford (2000, p. 58), não se pode imaginar a cultura como algo específico de um lugar, que traduz homogeneidade: “A ‘cultura’ antropológica não é mais o que costumava ser. E, uma vez que o desafio da representação é visto como sendo a descrição e a compreensão de encontros, co-produções, dominações e resistências históricas locais/globais, então, é preciso voltar a atenção para as experiências cosmopolitas híbridas tanto quanto para as enraizadas e nativas. Em minha questão atual, o objetivo não é *substituir* a figura cultural ‘nativo’ pela figura ‘intercultural’ viajante. Em vez disso, a tarefa concentra-se nas mediações concretas entre as duas, em casos específicos de tensão e relação histórica. Em graus variados, ambas são constitutivas do que contaremos como experiência cultural”.

<sup>16</sup> Quanto às relações entre espaço e cultura, Akhil Gupta e James Ferguson (2000, p. 33) observam: “A suposição de que os espaços são autônomos permitiu que o poder da topografia ocultasse a topografia do poder. O espaço inerentemente fragmentado implícito na definição da antropologia como estudo de culturas (no plural) pode ter sido um dos motivos por trás da antiga e persistente omissão de escrever a história da antropologia como uma biografia do imperialismo. Pois, se partirmos da premissa de que os espaços *sempre* estiveram interligados hierarquicamente, em vez de naturalmente desconectados, então, a mudança cultural e social não se torna mais uma questão de contato e de articulação cultural, mas de repensar a diferença por meio da conexão”.

<sup>17</sup> Observa-se que, em grande medida, os *lugares do passado* se encontram no presente, na *memória do agora* ou, mais precisamente, em algumas circunstâncias, nas *grafias passadas* que sobreviveram ao tempo. Os lugares que se mostram como os lugares do presente são também lugares de todos os tempos. Cidades antigas são bons exemplos para compreender como essas camadas de espaço-tempo podem, na superposição de superfícies — que sempre se rasgam —, evocar, no presente, imagens dos lugares do passado. Entretanto, a interpretação da história dá-se sempre no presente — ainda que a ciência da história insista em dar as costas para o futuro e negligenciar, em grande medida, o tempo do agora. A história dos lugares passados, por tais razões, acontece também no presente.

grafada no espaço pelo tempo e pelos movimentos que se referem a um conjunto de fluxos, faz com que se fortaleça a referida imagem. Existem o hoje, *o agora*, sempre. Mesmo que seja também feito do ontem e que ainda incorporará o amanhã, ele, *o agora*, existe sempre. O presente é o lugar do tempo da ação e de todos os movimentos.<sup>18</sup> O futuro: que cuidemos dele, no presente, para que se aproxime dos nossos desejos e sonhos de liberdade.

É necessário esclarecer que, nos dias atuais, marcados por inúmeros e inéditos eventos, a ação exige novos saberes, transformando-se em contínua descoberta. A ação contemporânea demanda, sempre, um novo saber: novos mapeamentos, novas interpretações, *novas razões*. “O mundo não é o de antes. [...] A transformação [...] é também movida pela ciência e pela tecnologia. [...] a ciência construiu um mundo que pede uma nova ciência” (HISSA, 2002, p. 307). Segundo Milton Santos (2002, p. 330) — para quem a memória construída coletivamente não se sobrepõe à ação, pois a redescoberta é individual e resultado de relações interpessoais e comunicativas —, “[...] quanto menos inserido o indivíduo (pobre, minoritário, migrante...), mais facilmente o choque da novidade o atinge e a descoberta de um novo saber lhe é mais fácil”. O autor não nega a influência do passado, mas concede maior importância às condições do novo espaço de experiência: “O passado comparece como uma das condições para a realização do evento, mas o dado dinâmico na produção da nova história é o próprio presente, isto é, a conjunção seletiva de forças existentes em um dado momento” (SANTOS, M., 2002, p. 330). Pode-se, a partir das referidas interpretações, retomar a ideia de que toda ação tem o presente como paradigma. Observado de uma outra maneira, pode-se refletir: toda ação toma os *lugares do agora* como referência.

A relação local/global também leva Stuart Hall (1997) a discutir a questão cultural. O autor, referindo-se à angustiante ideia da homogeneização cultural, ressalta a simplicidade com que é tratada essa possibilidade e apresenta argumentos contrários à tendência de padronização.<sup>19</sup> O primeiro argumento: a globalização, entendida como uma especialização flexível, constitui-se estrategicamente através da criação de nichos de mercado, explorando, assim, a diferenciação local. Ou seja, antes de se pensar no global substituindo o local, deve-se pensar numa nova articulação entre o global e o local. Como imaginar a substituição do local pelo global? Como imaginar a supressão do local, dos *lugares do agora*, das próprias referências da ação dos homens — independentemente da sua posição (se incluídos, se excluídos)? Numa visão de futuro, Stuart Hall (1997) sugere a maior probabilidade de uma globalização produtora de novas identidades globais e novas identidades locais.

O segundo argumento, por sua vez, refere-se à interpretação de que a globalização não seja exclusivamente global, por conta de seus impactos locais. Dessa forma, contraditoriamente, torna-se inadequado pensar em homogeneização, já que a própria globalização é desigualmente distribuída em todas as dimensões do espaço. Existiriam, portanto, recortes, lugares de resistência à globalização hegemônica.

Finalmente, um terceiro argumento considera que o desequilíbrio do fluxo global parece sugerir que esse movimento seja apenas um processo de ocidentalização. Porém,

<sup>18</sup> Entretanto, há outras possibilidades de interpretação da questão. Stuart Hall (1997, p. 95-96), por exemplo, observa que, enquanto algumas identidades buscam segurança na tradição, “[...] há uma outra possibilidade: a da Tradução. Este conceito descreve aquelas formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram *dispersadas* para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades”.

<sup>19</sup> A imagem da homogeneização cultural — como um produto das relações entre o global e o local — é tratada por Stuart Hall (1997) como um resultado da simplicidade de diversas abordagens. Entretanto, pode-se pensar muito mais em banalização do que propriamente em simplificação, ao se refletir sobre as referidas abordagens.

deve-se considerar o fluxo global também a partir do encontro feito de desencontros e de estranhamentos: “[...] à medida que dissolve as barreiras da distância, torna o encontro entre o centro colonial e a periferia colonizada imediato e intenso” (ROBINS *apud* HALL, 1997, p. 85). Assim, o jogo do período colonial inverte-se, e o Ocidente vê-se invadido pelo movimento de pessoas dos países excluídos, em busca do estilo imposto — e agora negado — pelos colonizadores.

Stuart Hall (1997) dispensa atenção também às transformações desencadeadas nos indivíduos do lugar de destino, submetidos à presença de outros indivíduos com formações culturais diferentes. Referindo-se à posição da Inglaterra, o autor detecta o surgimento de reações demonstrativas de uma não receptividade aos imigrantes, criando barreiras a uma total integração. O autor afirma: “O fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas” (HALL, 1997, p. 91).

Stuart Hall (1997, p. 95) chama a atenção para o fato de que “pode ser tentador pensar na identidade, na era da globalização, como estando destinada a acabar num lugar ou noutro: ou retornando a suas ‘raízes’ ou desaparecendo através da assimilação e da homogeneização. Mas esse pode ser um falso dilema”. Ao refletirem sobre a questão da identidade, Akhil Gupta e James Ferguson (2000) sugerem a consideração de novos fatores. Não se pode pensar o lugar como autônomo nem uma cultura como específica de um lugar. Na contemporaneidade, a possibilidade do hibridismo é sempre algo a ser avaliado como integrante das relações que se ampliam.<sup>20</sup> Mas ainda há o que pensar sobre a identidade nos lugares, diante das possibilidades de intercâmbio. Frente às transformações operadas no nível global, pode-se refletir sobre possibilidades de alterações identitárias. Identidades podem se mesclar. Algumas funções e determinados papéis locais podem, inclusive, fornecer novas identidades aos lugares. Isso significa que, nos lugares, em função do seu dinamismo — que também é reflexo do dinamismo do mundo contemporâneo —, algumas identidades podem se sobrepor às outras; além disso, identidades podem, inclusive, perder significado. Isso não resulta, entretanto, em perda de identidade dos lugares. Eles sempre carregam, em si, a sua natureza, a sua história de identidades que se adaptam ao movimento do mundo.

Finalmente, uma outra questão deve ser focalizada ao se refletir sobre a identidade *nos lugares* e, simultaneamente, sobre a identidade *dos lugares*. Trata-se de uma questão fundamental para que, na contemporaneidade, os homens, as sociedades, assim como os lugares possam ser compreendidos. Se podem ser vistos a partir de traços de identidade — que se desmancham, se metamorfoseiam, se fortalecem ou se enfraquecem —, os lugares também devem ser avaliados a partir da consideração das mobilidades no seu interior, sob a consideração da alteridade:

Se a identidade pressupõe as relações de aproximação, a desigualdade e a dessemelhança marcam o seu princípio oposto. Portanto, se há um princípio de identidade, a alteridade é o seu contrário. Se o primeiro é construído pela aproximação e pela natureza equivalente dos seres, desenvolve-se um grupo, por oposto, com base na repulsão ou na contraposição. Isso significa que nas relações

<sup>20</sup> Deve-se avaliar ainda que, no mundo contemporâneo, o pensamento pode facilmente ser conduzido à tentação de redução da cultura e da identidade a mercadorias. Embora a cultura possa se manifestar como mercadoria, esta é privilégio de quem pode pagar. Alguns lugares são planejados para o consumo. Citam-se o *Disney World* e outros que são representativos da homogeneidade das condições econômicas e sociais de um grupo (ZUKIN, 2000).

de contraste e de diferença podem ser estimulados a exclusão e o “sentimento estrangeiro”. Nesses termos, a alteridade se contrapõe à identidade, ao evidenciar a condição de “outridade”, de estranhamento (HISSA; GUERRA, 2002, p. 68).

As identidades podem ser interpretadas como identificações em processo de transformação. Portanto, ao se refletir sobre os processos de transformação experimentados pelos lugares, também movimentados pelas dinâmicas contemporâneas que evocam a *imagem de mundo*, há de se considerar o curso assumido pelas identidades. Isso significa que a maximização dos sentimentos de pertencimento e de identidade pode ocasionar “[...] formas de territorialidades exclusivas e conflitivas” (HISSA; GUERRA, 2002, p. 68). Assim, pensar o lugar a partir das identidades é também, necessariamente, refletir sobre a alteridade nos lugares.

### Lugar e cotidiano

Uma discussão sobre o conceito de lugar implica a percepção da localização significativa de todos os lugares: eles estão em toda parte, feitos de espaço e de tempo, recobertos de valores e de ética prática; eles desenvolvem dimensões espaciais variadas, o que pode ser importante para a leitura da contigüidade, da magnitude das aproximações e das densidades, do desenvolvimento das diversas formas de identidade, de socialidade, de alteridade. A vida nos lugares é feita de cotidianos. A cidade grande, nos seus interiores, nos seus subterrâneos e meandros, é uma grande *fábrica de comunicação* — manufatura de contatos e de intercâmbios — que põe em comum o que estaria, em princípio, restrito; pôr em comum é, no mínimo, aparentemente, dar a todos as condições mínimas para a participação na vida: viver na cidade, viver a cidade. Mas o que ela fornece, contraditoriamente, é o que também subtrai. A vida na cidade, feita de diversos significados, é a vida carregada densamente através das experiências práticas, das vivências dos diversos sujeitos da vida realizada a partir de *coisas comuns*. Nada disso pode ser dispensado para uma leitura dos lugares.

Compreender os lugares é, especialmente, considerar as possíveis e necessárias leituras da vida cotidiana. Se são feitos da vida dos indivíduos, os lugares devem, ainda, ser interpretados como plenos de hábitos, de comportamentos que se referem a uma ética cotidiana que, por sua vez, encaminha o pensamento para o universo das repetições, das rotinas que libertam e que escravizam.

O cotidiano refere-se ao que se desenvolve através do hábito comum, rotineiro. Trata-se do *chão rotineiro* dos lugares, formado do que é corrente e costumeiro. O cotidiano, assim, é abundante nos lugares e faz com que eles sejam, por isso, fartos, ricos, abastados em experiências. Refere-se à vida cotidiana dos lugares ao se pensar na fertilidade da experiência comum que não se interrompe, que expande os saberes comuns feitos de praticidade. O cotidiano é feito de frequências e de plenitudes que referenciam as trilhas dos indivíduos e das coletividades. Mas também é feito de frequências e de vazios, ou de incompletudes que traduzem a experiência humana.<sup>21</sup>

O cotidiano: as reflexões sobre o significado dessa *categoria da existência*, tal como a trata Milton Santos (2002), fortalecem a sua importância para discutir a questão do lugar no

<sup>21</sup> Milton Santos (2005, p. 170) faz referência às distinções entre as ordens global e local: “A ordem global funda as escalas superiores ou externas à escala do cotidiano. Seus parâmetros são a razão técnica e operacional, o cálculo de função, a linguagem matemática. A ordem local funda a escala do cotidiano, e seus parâmetros são a co-presença, a vizinhança, a intimidade, a emoção, a cooperação e a socialização com base na contigüidade”.

mundo contemporâneo. O global está em todos os lugares: tal condição atual apresenta-se como uma dificuldade para a compreensão dos lugares e, simultaneamente, um referencial para a leitura de todos os pontos que representam, nas possíveis cartografias, o universo de todos os *lugares que povoam o mundo*. O mundo existe nos lugares porque a vida existe nos lugares. Vida cotidiana: o seu significado conduz o pensamento para a vivência dos lugares.

Pensar o cotidiano dos lugares é também estender as possibilidades de reflexão sobre a importância da comunicação no universo dos lugares. O mundo moderno é feito de movimentos e fluxos intensos, instantâneos. Ele parece sugerir comunicação, a despeito de fazer com que a informação se sobreponha ao próprio intercâmbio. Nos lugares, nas relações feitas de proximidade, a comunicação pode ser mais intensa e ampliar as possibilidades de vida social. A comunicação, no entanto, pode se realizar mesmo sem a informação, como nos lembra Milton Santos (2002). As origens etimológicas da palavra são ainda mais esclarecedoras e mais úteis à reflexão sobre a importância da vida cotidiana como instrumento reconhecedor dos lugares: comunicar significa *pôr em comum, dividir, partilhar*. É certo que, daí, emergem outras possibilidades de interpretação dos lugares: disponibilizar para muitos ou para todos e, conseqüentemente, pôr em comum é também pensar na força política e social dos lugares. A socialidade é tanto mais presente entre os indivíduos quanto maior é a sua proximidade. As possibilidades de proximidade são mais evidentes nos lugares, o que fortalece as relações de identidade e de solidariedade. A força política, latente nos lugares, é um importante instrumento para pensar as ações, as práticas que se relacionam com as referências de liberdade que se materializam, de algum modo, na construção de identidades entre os *sujeitos da vida*, que também marcam o caráter dos lugares.

Algumas possibilidades de simplificação, no entanto, devem ser sublinhadas. Nos lugares, especialmente nas cidades, a ocorrência de encontros é muito maior. Se, por um lado, o encontro é uma manifestação da socialidade, assim como uma expressão de possibilidades de fortalecimento de identidades e de ambiências de solidariedade, por outro lado, pode ser visto e interpretado a partir de processos contrários que parecem dotar o quadro de maior complexidade: a possibilidade de encontro é também a do desencontro e da alteridade. Independentemente da interpretação, os lugares são a expressão do mundo feito da vida de aproximações e de estranhamentos. Tais observações podem ser vistas, ainda, como uma indicação da natureza híbrida dos conceitos identidade e cotidiano. Na vida cotidiana dos lugares, o partilhar e o dividir estão mais presentes como possibilidade, assim como a própria alteridade.

A vida cotidiana dos lugares é uma fábrica de aproximações, estranhamentos, emoções, afetividades, subjetividades. A vida cotidiana nos lugares, por sua vez, faz emergir *o que é comum*, desenvolvido pela comunicação entre os sujeitos da vida, fortalecido pelos laços de identidade. A dimensão espacial do cotidiano, tal como a ela se referiu Milton Santos (2002), está repleta desses laços de coexistência e, especialmente, do que pode ser compreendido como cooperação e conflito. Os lugares contêm o mundo e, por isso, são a sua expressão. A rua da cidade é a *rua do mundo*.<sup>22</sup> Nela os indivíduos podem se encontrar, mas também podem não se reconhecer.

<sup>22</sup> Milton Santos (2005, p. 170) fala-nos das possíveis *respostas dos lugares*, endereçadas ao mundo: "A ordem global busca impor, a todos os lugares, uma única racionalidade. E os lugares respondem ao mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade".

Henri Lefebvre (1999) focaliza a rua e apresenta algumas possibilidades de leitura contraditória do cotidiano das cidades e dos lugares. A rua é, simultaneamente, o lugar do encontro fértil, da comunicação — que se faz comum a todos que dela participam —, e o lugar do desencontro, do desencanto e da superficialidade. A rua, a esquina, a praça são lugares de encontro sem os quais “[...] não existem outros encontros possíveis nos lugares determinados (cafés, teatros, salas diversas)” (LEFEBVRE, 1999, p. 29). A imagem da supressão da rua é equivalente à da supressão da vida nos lugares. Entretanto, a rua do encontro é, ao mesmo tempo, a rua da ausência: “Na rua, caminha-se lado a lado, não se encontra” (LEFEBVRE, 1999, p. 30). Por isso, diz-se que “a *passagem* na rua, espaço de comunicação, é a uma só vez *obrigatória e reprimida*” (LEFEBVRE, 1999, p. 31). As anotações, feitas de reflexões, conduzem o pensamento para as *coisas comuns*, para as *coisas em comum*, para os desencontros e para a conjunção de todos os elos que fazem a vida dos lugares. A sua compreensão implica a aproximação com o conceito de lugar e, conseqüentemente, com o de *vida no mundo*.

A reflexão sobre a vida cotidiana nos lugares é também um importante instrumento de interpretações acerca da suposta supressão dos lugares, da sua pasteurização pela vida econômica global. A contemporaneidade, longe de apontar para o fim do lugar, indica o para uma posição central (SANTOS, M., 2002). A suposta compressão do espaço, produto da imaginação e da concepção dos efeitos dos fluxos sobre o espaço geométrico, eliminaria a possibilidade da vida cotidiana. Como conceber a supressão da vida cotidiana, tão essencial para a interpretação dos processos de formação dos guetos urbanos, dos territórios urbanos (SILVA, 2001)? Como conceber a supressão da vida nos lugares, que, em última instância, assumiria o significado equivalente à supressão das vivências de mundo? Os lugares reúnem as possibilidades de construção das ações que, contra-hegemônicas, são alternativas aos movimentos globais hegemônicos.<sup>23</sup>

Milton Santos (2002), dentre tantas alternativas encaminhadas, sugere a interpretação do lugar também a partir do cotidiano, do *mundo vivido*. A abordagem, ao contrário do que pode parecer, reduz bastante a possibilidade de um tratamento localista assim como a possibilidade de encaminhamento de generalizações simplistas. O autor ainda lembra que o processo de construção do lugar envolve o desenvolvimento de espaços simbólicos, singulares, resultados de um movimento de cooperação em espaços contíguos, de relações intensas entre os *sujeitos da vida social*. Nos lugares — feitos de espaços carregados do simbólico — encontra-se o sentido do mundo, compreendido como o *espaço comum* que se estrutura, simultaneamente, a partir do encontro e da alteridade. A comunicação, carregada desse *pôr em comum*, é indispensável para a compreensão de todos os processos que constituem as relações entre o local e o global, entre o sujeito e a vida, entre os indivíduos e o *mundo exterior*.

Portanto, o caráter do conceito de lugar — assim como a própria natureza dos lugares — não pode, de modo algum, estar circunscrito às pequenas comunidades, aos lugares de pequena conexão no interior da rede de fluxos de todos os tipos. As grandes metrópoles são o abrigo de infinitas possibilidades de arranjos sociais, de uma diversidade riquíssima de estruturação de simbolismos, nos quais os indivíduos e os

<sup>23</sup> Milton Santos (2005, p. 163) esclarece: “O lugar é a oportunidade do evento. E este, ao se tornar espaço, ainda que não perca as suas marcas de origem, ganha características locais. O evento é, ao mesmo tempo, deformante e deformado. Por isso fala-se na imprevisibilidade do evento, a que Ricoeur chama de autonomia: a possibilidade, no lugar, de construir uma história das ações que seja diferente do projeto dos atores hegemônicos”.

grupos — sujeitos da ação — estão organizados de modo a experimentar a vida cotidiana na plenitude do seu vigor prático, comum: feita de solidariedades, identidades, conflitos, exclusões, alteridades.

Finalmente, é ainda importante retomar algumas questões que caracterizam o mundo na contemporaneidade, feito também das influências exercidas pelas mais sofisticadas tecnologias de comunicação. Parece bastante nítida a importância dessas tecnologias na organização dos lugares. De outra parte, tal situação parece sugerir interpretações que minimizam o declínio na intensidade das relações entre os sujeitos da vida na cidade e nos lugares. Importantes transformações ocorreram. Entretanto, não se pode afirmar, de modo algum, que elas destituíram de significado as características que encaminham a leitura conceitual dos lugares. Manuel Castells (2002), por exemplo, observa que a ampliação da veiculação de informações — que, hipoteticamente, poderiam até multiplicar as possibilidades de comunicação, o que, de fato, não acontece — pode acarretar a descentralização de determinadas atividades. Contudo, as facilidades oferecidas pelo desenvolvimento das comunicações eletrônicas em nada descaracterizam a natureza do lugar, no âmbito das vivências, sob a ótica do desenvolvimento das práticas sociais. O que se dá, acompanhando as reflexões de Boaventura de Sousa Santos (2000), é uma extensão do nível de complexidade nas relações que fazem a vida dos lugares e do mundo contemporâneo.

### Considerações finais

Pensar o lugar, na contemporaneidade, é refletir sobre o mundo. Trata-se de um empreendimento teórico complexo, pois pensar o mundo é refletir sobre os homens. Nunca a observação foi tão representativa da história. Os homens estão, nos lugares, repletos do mundo. O mundo nunca esteve tão presente na vida dos lugares, na vida dos homens. Pode-se, entretanto, interrogar: quais são os níveis de consciência dessa presença? Quais são as formas através das quais o mundo está presente na vida das pessoas? Mas não se pode negar a emergência dos lugares no mundo contemporâneo, feito de seletividades, de exclusões, de recortes, da ampliação de desigualdades, da comunicação do conflito.

Pensar o lugar é movimentar as idéias na direção dos fluxos que fazem a vida contemporânea. São movimentos de todos os tipos. Alguns deles são, há muito, familiares. Outros, contudo, emergem no cotidiano dos indivíduos como uma temeridade, como algo avassalador, novo, originário de uma *outra vida*. Entretanto, assim como o movimento que se refere à invasão domiciliar dos micro-computadores, que transformaram a vida das pessoas e dos lugares, vários outros movimentos — feitos de fluxos de todos os tipos — dizem respeito à mesma cultura de origem. Trata-se mais, em diversas circunstâncias, de refletir não apenas sobre a natureza dos movimentos, mas, especialmente, sobre a velocidade dos movimentos.

Pensar o lugar é, definitivamente, refletir sobre as identidades que, menos ou mais intensamente, são afetadas pelos movimentos da vida contemporânea. Se as identidades são fortalecidas — entre lugares e pessoas, entre indivíduos do lugar —, observa-se, sobretudo a partir da expectativa equivocada da padronização do espaço, a emergência

dos ambientes locais. Mas nem sempre os lugares foram fortalecidos, e também não se deseja adotar um modelo para a compreensão dos lugares a partir do fortalecimento das identidades locais. Lugares foram abandonados, mesmo no contexto de ritmos menos acelerados de tempos passados. Outros emergiram. Mas, sempre, pensar a identidade dos lugares é conduzir a reflexão para a localização *do outro* no mundo em transformação. Isso significa que pensar o lugar a partir das identidades é, também, refletir sobre a questão da alteridade.

Pensar o lugar a partir da vida cotidiana nos lugares é encaminhar a reflexão para o dinamismo e a importância do mundo vivido. Vive-se nesse mundo feito de lugares. Dizer isso é reafirmar a importância dos lugares como o *locus* da existência. Vive-se nos lugares, onde as decisões são tomadas, onde as escolhas são feitas, onde são construídas as esperanças e as frustrações. As transformações experimentadas pelo mundo contemporâneo conduzem o pensamento, ainda, para os lugares, para que sejam revisitados teoricamente, para que permitam o encontro com novos significados que lhes dizem respeito. Pensar os lugares a partir do cotidiano: como observou Milton Santos (2002), essa categoria da existência é bastante útil para um tratamento espacial do mundo vivido e, portanto, para uma leitura dos lugares feitos de vida cultural.

As transformações experimentadas pelo mundo na contemporaneidade parecem ainda sublinhar a importância das discussões teóricas acerca do lugar. De todas as categorias socioespaciais, a de lugar emerge, no mundo contemporâneo, como a mais visitada pelos estudiosos das questões relativas ao homem em sua condição espacial. Nele, no lugar, o homem escreve a sua história, marca a sua presença, desenvolve as suas relações, experimenta e vivencia o mundo.

Além disso, na contemporaneidade, também se mostram de grande importância os estudos empíricos — sempre teóricos — voltados para a interpretação da vida nos lugares, na *rua do mundo*. Tais investimentos são cruciais para a compreensão da imagem de caos, da imagem de acaso — tão próximas da vida cotidiana —, que tão bem refletem a *imagem de mundo* que se projeta para os lugares. Tais investimentos são essenciais para a compreensão do homem, de sua vida feita de encontros e de negações do que insiste em existir no seu próprio interior.

artigo recebido **abril/2006**

artigo aprovado **julho/2006**

## Referências

- AUGÉ, Marc. *Não lugares*: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CLIFFORD, James. Culturas viajantes. In: ARANTES, Antônio (Org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000. p. 50-79.
- DAMÁSIO, Antônio. *Em busca de Espinosa*: prazer e dor na ciência dos sentimentos. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. Mais além da “cultura”: espaço, identidade e política da diferença. In: ARANTES, Antônio (Org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000. p. 30-49.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- HISSA, Cássio Eduardo Viana. *A mobilidade das fronteiras*: inserções da geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- HISSA, Cássio Eduardo Viana. Categorias geográficas: reflexões sobre a sua natureza. *Caderno de Geografia*, Belo Horizonte, v. 11, n. 17, p. 49-58, 2. sem. 2001.
- HISSA, Cássio Eduardo Viana; GUERRA, Luciana Cristina de Oliveira. Espaço e modernidade: reconstruindo identidades urbanas. *Caderno de Geografia*, Belo Horizonte, v. 12, n. 19, p. 63-73, 2. sem. 2002.
- LEFEBVRE, Henri. *Revolução urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, Antônio (Org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000. p. 176-185.
- ROBINS, K. Traditions and translation: national culture in its global. In: CORNER, J.; HARVEY, S. (Ed.). *Enterprise and heritage*. London: Routledge, 1991 *apud* HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- ROSSI, Paolo. *O nascimento da ciência moderna na Europa*. Bauru: EDUSC, 2001.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para um novo senso comum*: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000. v. 1.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Os processos de globalização. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). *A globalização e as ciências sociais*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 25-102.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice*: o social e o político na pós-modernidade. Porto: Afrontamento, 1994.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento, 1987.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.
- SANTOS, Milton. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 2005.
- SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: HUCITEC, 1988.
- SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova*: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: HUCITEC, 1978.
- SARAMAGO, José. [Depoimento]. In: JANELA da alma. Direção: Walter Carvalho e João Jardim. [S.l.]: Copacabana Filmes, 2001. 1 DVD (73 min.), color., legendado.
- SILVA, Armando. *Imaginários urbanos*. São Paulo: Perspectiva; Bogotá: Convenio Andres Bello, 2001.
- ZUKIN, Sharon. Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder. In: ARANTES, Antônio (Org.). *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus, 2000. p. 80-103.